



Journal of Specialist

Scientific Journal – ISSN:2595-6256

Nº 4, volume 4, article nº 6, Out/Dez 2018

D.O.I: <http://dx.doi.org/XXXXXX/XXXX-XXXX/XXXXXX>

Accepted: 20/03/2019

Published: 01/04/2018

Parental stress of children with Autistic Spectrum Disorder: a theoretical review

Estresse parental de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão teórica

Priscyla Gualberto de Lima da Costa¹

Ludmilla Ferreira dos Santos²

Maryelle Ferreira dos Santos³

Abstract

The purpose of this study is to conduct a theoretical review of research on parental stress in children with Autistic Spectrum Disorder. The research was carried out in the Scielo and Periodicals CAPES databases, since both include journals of the human and health area that are the ones that more research and consequently produce on the subject in question. The article searches included the years 2014 to 2018. Keywords, autism and parental stress were selected to compose the investigation of studies in the area. The search was carried out only with the combination of these two descriptors and the initial criterion used for the research was to encompass only results of scientific and empirical articles, after the analysis of the articles, there remained six evaluation studies. The results pointed out that the female figure, usually the mothers, are the ones who suffer most from the stress of individuals with ASD, precisely because they are the ones who take care of the most, and such stress affects the social and affective life of the caregivers in general. It was concluded that more studies are needed to evaluate the impact of stress in the life of caregivers of individuals with ASD and also on researches that investigate the effectiveness of intervention programs to reduce the stress of this population.

Keywords: Autism, parental stress, caregivers.

Journal of Specialist

v.4, n.4, p.1-18, Out-Dez, 2018

¹ Fonoaudióloga e especialista em fonoaudiologia hospitalar

² Terapeuta Ocupacional

³ Terapeuta Ocupacional

Resumo

O estudo tem como objetivo fazer uma revisão teórica de pesquisa sobre estresse parental de crianças com Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa foi realizada nas bases de dados Scielo e Periódicos CAPES, pois ambas incluem revistas da área humanas e saúde que são as que mais pesquisam e conseqüentemente produzem sobre a temática em questão. As buscas de artigos incluíram os anos de 2014 a 2018. Foram selecionadas as palavras-chaves, autismo e estresse parental, para compor a investigação de estudos na área. A busca foi realizada somente com a combinação desses dois descritores e o critério inicial utilizado para a pesquisa foi englobar apenas resultados de artigos científicos e empíricos, após as análises dos artigos, restaram seis estudos avaliação. Os resultados apontaram que a figura feminina, geralmente as mães, são as que mais sofrem com o estresse de indivíduos com TEA, justamente porque elas são as que mais cuidam e tal estresse afeta a vida social e afetiva dos cuidadores de maneira geral. Concluiu-se que faltam mais estudos para avaliar sobre o impacto do estresse na vida de cuidadores de indivíduos com TEA e também sobre pesquisas que investigam a eficácia de programas de intervenção para reduzir o estresse dessa população.

Palavras- chave: Autismo, estresse parental, cuidadores.

Introdução

O cuidado é uma atividade que exige atenção, responsabilidade, precaução para com o outro e a si mesmo (Masuchi & Rocha, 2012). Diante disso, o indivíduo que cuida ou o cuidador é o agente que fornece cuidados de forma decisiva ou provisória a uma pessoa carecida, e tal função pode ser exercida por um profissional ou voluntário, sendo este último geralmente participante do núcleo familiar. Quando esse cuidador é voluntário ou não remunerado e a maior parte da sua rotina é destinada a esse cuidado, a ele é denominado o nome de cuidador informal ou primário (Silva, 2014).

A qualidade dos cuidados primários é essencial para o bom desenvolvimento futuro de uma criança, pois o contato íntimo e contínuo do bebê com a mãe, o pai, a avó ou outro cuidador que a substitua na família, pode ser decisivo para uma boa saúde mental. É nessa relação primária que os especialistas julgam ser a condição básica para o desenvolvimento da personalidade (Bowlby, 1995).

Tradicionalmente, a importância da família e das relações da criança com o cuidador primário tem sido enfatizada na literatura sobre desenvolvimento humano. Para Bowlby (1995), a criança não é um organismo capaz de vida independente, pois necessita de uma instituição social que a auxilie durante o período de desenvolvimento, de modo a lhe proporcionar a satisfação das suas necessidades imediatas, como alimentação, proteção, afeto, abrigo, ou seja, a oferta de um ambiente que desenvolva suas capacidades físicas, mentais e sociais.

No desenvolvimento, a presença dos pais ou do cuidador substituto é necessário para atender à criança, pois, entre outros ganhos, faz com que esta diferencie o mundo interior do exterior. Teóricos têm procurado demonstrar que os cuidados maternos a partir da relação entre a mãe e o bebê, quando edificados em uma base de segurança e confiança, contribuem para tornar saudável o desenvolvimento. Conforme explica Bowlby (1995), nos primeiros meses de vida a criança sente-se segura, com o mínimo de tensão, na medida em que percebe a proteção materna.

É importante frisar que nem sempre essa atenção primária precisa partir da mãe e sim de qualquer cuidador substituto constante e significativo que pode ser alguém próximo da criança, como por exemplo, a avó. Sabe-se que as crianças precisam de cuidados, estabelecer relação estável e afetuosa com o cuidador primário/de referência. Geralmente, os cuidados primários são oferecidos no contexto familiar.

O cuidador primário apresenta um papel essencial na vida da pessoa cuidada, cabendo-lhe o auxílio à pessoa necessitada no convívio social, na administração dos remédios, na realização dos tratamentos necessários, além

de, em alguns casos, ajuda na higiene e curativos, na promoção da independência diária, assim como demonstrar apoio, escuta e afeto à pessoa cuidada (Masuchi & Rocha, 2012). Esta demanda pode ser observada em cuidadores de indivíduos com Transtorno do Espectro Autístico (TEA). Haja vista que, segundo o Manual de Diagnóstico de Transtornos Mentais – DSM-V (APA, 2014), o TEA caracteriza-se por limitar e/ou prejudicar o funcionamento diário de uma pessoa, o que apresenta prejuízos persistentes na comunicação social recíproca e na interação social, além de modelos restritos e repetitivos de comportamento, de interesse ou de atividade presentes desde o começo da infância, ou seja, esses indivíduos podem apresentar dificuldades na área de socialização, comunicação e cognição (Gomes, Lima, Bueno, Araújo & Souza, 2015).

Ao obter o diagnóstico de TEA, os parentes e/ou cuidadores se encontram com uma nova circunstância que muitas vezes exige alterações na dinâmica familiar direcionando a atenção à pessoa com TEA e suas necessidades, como as idas a terapias, restrição em eventos sociais e familiares (Gomes et al., 2015; Hoefman et al., 2014; Ludlow, Skelly & Rohleder, 2012) e interação entre a pessoa com TEA e seu cuidador (Guedes & Tada, 2015). Até então, o TEA não tem cura, e nem tratamento farmacológico específico, logo a família se torna família um suporte essencial no desenvolvimento dessas pessoas, juntamente com as terapias necessárias como acompanhamento psicológico, fonoaudiólogo, neurológico e dentre outros (Guedes & Taba, 2015).

É possível verificar na literatura (Favero-Nunes & Gomes, 2009), a busca comum dos pais por ajuda referente ao filho, no entanto, sendo difícil essa busca de suporte para eles mesmos. Vale ressaltar que os pais precisam de uma assistência para enfrentar uma nova vivência, o que acarreta várias mudanças. Segundo Schmidt e Bosa (2003), as famílias de crianças com TEA, precisam ajustar o seu dia a dia familiar, além de se adaptarem a intensa dedicação e prestação de cuidados, que podem gerar sobrecarga.

Vários autores descrevem sobre a existência da sobrecarga que contribuem para o estresse em pais e famílias que possuem um filho ou membro

da família com diagnóstico de TEA em virtude das expectativas futuras, e dificuldade em lidar com o filho (Sadir, Bignotto & Lipp, 2010; Schmidt & Bosa, 2003; Fávero & Santos, 2005; Sprovieri & Assumpção, 2001). O diagnóstico da doença exclui grande parte do conhecimento dos pais sobre como cuidar de seu filho e ser pai ou mãe, o que gera uma lacuna na forma como entendem a realidade, necessitando de auxílio na adequação e compreensão das estratégias de cuidado direcionadas aos filhos (Cunningham, 2008).

Em relação ao estresse, Lipp (2000), descreve que ele é capaz de produzir um número grande de consequências para o indivíduo, para sua família, o local em qual trabalha e a comunidade em que vive. No âmbito psicológico e emocional do ser humano, o estresse excessivo produz cansaço mental, dificuldade de concentração, apatia, e indiferença emocional. A produtividade sofre quedas e a criatividade fica prejudicada, dúvidas começam a surgir em virtude da percepção do desempenho insatisfatório. Crise de ansiedade e humor depressivo, também a libido fica reduzida e os problemas de ordem física se fazem presentes (Paulino, Prezotto, Frias, Bataglia, & Aprile, 2015).

A todo o momento o ser humano é submetido à situação de estresse. É o que acontece na reação de luta ou fuga, na qual o organismo redistribui sua energia considerando principalmente os sistemas locomotor e sensorial em detrimento dos outros sistemas: reprodutor, digestivo, imunológico, etc. Por isso o estresse crônico tende a prejudicar os sistemas deprimidos. Assim, a forma como o indivíduo responde a qualquer situação é determinante para a resolução e para o nível de estresse, pois algumas estratégias têm se mostrado mais eficazes do que outras para lidar com situações estressoras. Pessoas mais resistentes ao estresse parecem ter três características básicas em comum: abertura a mudanças, sensação de estar em controle de suas vidas e envolvimento em áreas que as motive (Pereira & Tricoli, 2003).

Acrescentam-se, também, outras características que ajudam na resistência ao estresse: atitude positiva perante a vida, otimismo, aceitação de si próprio como capaz, porém falível, habilidade para lidar com as frustrações e competência de ser objetivo e racional. A pessoa que, no entanto, não possui

tais características, pode enfraquecer os efeitos negativos do estresse pela aprendizagem de estratégias ou técnicas para lidar com o mesmo (Pereira & Tricoli, 2003).

O estresse geral se apresenta de forma peculiar na relação com os filhos, pois a forma como os pais lidam o estresse pode afetar a execução de sua função parental, causando impactos no desenvolvimento da criança. Estudos têm mostrado que pais com níveis mais baixos de estresse estão mais envolvidos nos cuidados dos seus filhos e são mais disponíveis para estes (Wang & Jong, 2004).

Em uma revisão bibliográfica (Barbosa, 2010; Costa, Steffgen & Ferring, 2017; De Andrés-García, Moya-Albiol & González-Bono, 2012), observou-se que o cuidar pode influenciar no aumento da sobrecarga dos cuidadores de indivíduos com TEA, na diminuição do autocuidado, no aparecimento ou aumento de sintomas de estresse, ansiedade e depressão (Sousa & Menezes, 2016). Diversos estudos sobre sobrecarga do cuidador demonstraram que os índices eram maiores em cuidadores de TEA do que outras comorbidade como Deficiência Intelectual (Suresh et al., 2014; Vogan, Lake, Weiss, Robinson, Tint & Lunsky, 2014) e Transtorno de Linguagem (Misquiatti, Brito, Ferreira & Assumpção Jr., 2015).

Segundo Khanna et al. (2012), a sobrecarga em cuidadores pode ser definida como a percepção desses cuidadores sobre sua saúde emocional e física, vida social e situação financeira proveniente do cuidado realizado, que pode ser intensificado devido, por exemplo, ao grau do transtorno, à comorbidade médica, à idade do cuidador, à precariedade dos serviços de apoio e à dificuldade financeira (Vogan et al., 2014). Cuidadores de pessoas com TEA muitas vezes apresentam isolamento, ocorrido pela dificuldade de adaptação da criança ao ambiente social, e com a falta de apoio social, imposto muitas vezes pelo próprio cuidador, apresentam altos níveis de estresse (Barbosa, 2010; Costa, Steffgen & Ferring, 2017; De Andrés-García, Moya-Albiol & González-Bono, 2012; Hodge, Hoffman & Sweeney, 2011; Khanna et al., 2012).

De acordo com Buscaglia (2006), para os pais deparar-se com as limitações do filho é sempre um encontro com o desconhecido. Enfrentar essa nova e inesperada realidade causam sentimentos como: sofrimento, confusão, frustrações e medo. Por isso, essas repercussões exercem influências nas funções maternas e a paternas. Observam-se na literatura, que essas repercussões nas famílias estão atreladas as diversas dificuldades relacionadas às características do transtorno que impõem a necessidade de uma adaptação no contexto familiar (Hamer, Manente & Capellini, 2014; Misquiatti et al., 2015). Logo, diante do exposto tal estudo tem como objetivo, fazer uma revisão teórica de estudos realizados entre 2014 e 2018 que relacionam o estresse parental de pessoas que são cuidadoras de indivíduos com TEA.

Método

Foram selecionadas as palavras-chaves, autismo e estresse parental, para compor a investigação de estudos na área. A busca foi realizada somente com a combinação desses dois descritores e o critério inicial utilizado para a pesquisa foi englobar apenas resultados de artigos científicos e empíricos.

A pesquisa foi realizada nas bases de dados Scielo e Periódicos CAPES, pois ambas incluem revistas da área humanas e saúde que são as que mais pesquisam e conseqüentemente produzem sobre a temática em questão. As buscas de artigos incluíram os anos de 2014 a 2018, optou-se por esse período, porque a revisão dos últimos anos de um estudo é considerada atual e fornece mais consistência para discutir os resultados encontrados e apontar sugestões para problemáticas que surgirem. Além do mais com o grande avanço da ciência, as revistas científicas mais renomadas nacionalmente e internacionalmente tem priorizado pela publicação de trabalhos que citam estudos mais recentes, independente da área.

Como critério de inclusão foram selecionados apenas artigos empíricos brasileiros. O trabalho tinha que de alguma forma discutir sobre o estresse

parental de pessoas cuidadoras de indivíduos com TEA. Foram excluídos da presente revisão: estudos teóricos, teses, dissertações, monografias, livros, capítulos de livros e artigos que estavam fora do tempo delimitado de 2014 a 2018.

Na busca inicial foram encontrados 89 artigos nas bases de dados, sendo 44 no periódico capes e 45 no Scielo. Em primeiro lugar foram retirados os artigos repetidos o que resultou na exclusão de 58 trabalhos. Após tal exclusão restaram 23 artigos, sendo que todos estes foram lidos na íntegra. Com base nisso, foi verificado que desses 23 apenas seis estavam de acordo com o objetivo do estudo, sendo que estes que entraram para análise da referida pesquisa teórica. Logo, a discussão e os resultados dessa pesquisa foram construídos com base na leitura realizada dos artigos, as análises irão focar em duas categorias que são: como o estresse dos pais está relacionado com algumas variáveis, tipo: autoeficácia, sobrecarga e apontar alguns programas de intervenção que foram utilizados para diminuir esse estresse.

Resultados e discussão

Conforme já apontado, o TEA é um transtorno de desenvolvimento que afeta não somente a pessoa que é diagnosticada com o transtorno, mas também todos aqueles que participam ou atuam no cuidado e afeto disponibilizado aos mesmos, o que muitas vezes causa estresse, angústia e sentimentos de tristeza e incapacidade. Logo, serão abordados estudos que investigaram o estresse em cuidadores de pessoas com TEA.

Com o objetivo de investigar crenças e sentimentos de mães de crianças

com TEA relacionando-os a fatores psicossociais, Meimes, Saldanha e Bosa (2015), realizaram uma pesquisa com estudo de casos múltiplos, transversal e exploratório. As participantes do referido trabalho foram quatro mães (idade: 38 a 45 anos) de meninos com TEA (idades: três anos e 5 meses a 6 anos e 9 meses).

No estudo supracitado foram utilizados os instrumentos Entrevista de Percepção Materna, Entrevista de Dados Demográficos e Desenvolvimento Infantil e Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QSG). A análise da entrevista revelou que o impacto do diagnóstico nestas mães parece ter sido intenso e demarcado pelas dúvidas e inseguranças sobre a própria capacidade em lidar com o filho (Meimes, Saldanha & Bosa, 2015).

De acordo com o modelo psicossocial de Bradford (1997) o baixo senso de auto eficácia materna pode ser visto como o resultado do uso reiterado de estratégias de enfrentamento dos problemas relacionadas ao comportamento do filho pouco adaptativas (no caso com destaque para a agressão). Revela esperança na cura do filho, calcada na crença de que o TEA pode ser um quadro transitório, evidenciando sua dificuldade em aceitar o diagnóstico.

Atribui-se às dificuldades maternas, principalmente à insegurança em lidar com as demandas do filho de forma satisfatória e à dificuldade a aceitação do diagnóstico, a falta de apoio social e conjugal percebida e a possível restrita rede de saúde. Conforme descrito na literatura, esses fatores revelam-se prejudiciais ao bem-estar materno (Bromley, Hare, Davison, & Emerson, 2004; Lickenbrock et al., 2011).

Sobre as dificuldades de comportamento da criança, o estudo de Schmidt et al. (2007) mostrou que o comportamento agressivo de pessoas com autismo é identificado por suas mães como estando entre as maiores dificuldades para lidarem com o filho. Schmidt (2004) relata ainda que os altos níveis de estresse encontrados nas mães de pessoas com autismo encontram-se relacionados a fatores como o excesso de demanda de cuidados diretos do filho, isolamento social e escassez de apoio social.

Já no estudo de Tabaquim, Vieira, Razera e Ciasca (2015), foi investigada a relação do padrão de independência da criança com TEA e o nível de autoeficácia do seu cuidador. Participaram do estudo 13 cuidadores, sendo 15,4% do sexo masculino e 84,6% do sexo feminino. Para a coleta de dados foram utilizados dois protocolos: Escala de Percepção de Autoeficácia e Índice de Katz de Atividades de Vida Diária.

Os resultados da pesquisa acima demonstraram que os cuidadores possuíam um bom índice de Autoeficácia, com ausência de sobrecarga do cuidador ($M=40,3$). As pontuações no Índice de Katz ($M=11,3$) evidenciaram três crianças dependentes, quatro que necessitavam de ajuda e seis independentes. O estudo apontou para a ausência de correlação do nível de dependência da criança com TEA e da percepção de autoeficácia do cuidador, sugerindo limitação e particularidade da amostra, cujos cuidadores se manifestaram com disponibilidade prática e afetiva, para atender às demandas da criança, minimizando o impacto decorrente.

A distribuição dos cuidadores em relação ao gênero apontou para o padrão tradicional familiar do Brasil, onde o papel de cuidar dos filhos, sobretudo aqueles portadores de cuidados especiais, é confiado às mães ou às mulheres,

que constituem 84,6% da nossa amostra. Os resultados indicaram um percentual significativo de cuidadoras que não praticam atividades laborais fora do domicílio. Esse dado sugere que, diante das necessidades e fragilidade da criança, possam ter se mobilizado a proteger cada vez mais o filho, muitas vezes, impedindo a convivência da criança com outras pessoas além do círculo familiar (Tabaquim, Vieira, Razera & Ciasca, 2015).

Considerando que a autoeficácia consiste no julgamento da pessoa sobre a sua habilidade para desempenhar com sucesso um padrão específico de comportamento, no caso, de cuidador, um dos participantes do estudo, na figura do pai, teve o índice de impacto “*intenso*” na escala aplicada. Este dado remete à compreensão sobre as dificuldades de ordem prática, uma vez que essa expectativa interfere e regula o pensamento (reações afetivas) e as ações (desempenho com a criança) realizadas intencionalmente, podendo inclusive gerar ansiedade e desmotivação (Tabaquim, Vieira, Razera & Ciasca, 2015).

Já em outro estudo foi investigado a correlação entre o nível de estresse de pais de crianças com autismo e sua associação com a ausência de oralidade na comunicação de seus filhos. Participaram pais de 175 crianças, que foram divididos em três grupos (pais de crianças com DEA com e sem comunicação verbal e pais de crianças sem queixas no desenvolvimento) e responderam ao questionário de nível de estresse (Segeren & Fernandes, 2016).

A maioria dos pais dos três grupos apresentou médio nível de estresse e não houve diferença significativa entre os pais de crianças com autismo, com e sem comunicação verbal. Quando os pais de crianças com autismo foram comparados aos pais do grupo controle, foi verificada diferença significativa. Logo, foi concluído que o nível de estresse de pais de crianças com autismo não

é influenciado pela ausência de oralidade na comunicação de seus filhos (Segeren & Fernandes, 2016).

Como já mencionado, cuidar de uma pessoa com TEA pode gerar estresse e sobrecarga, diante disso Misquiatti, Brito, Schmitt e Junior (2016) investigaram a sobrecarga de familiares cuidadores de crianças com transtornos do espectro do autismo, segundo a percepção dos próprios cuidadores. Participaram 20 sujeitos, de ambos os gêneros, com idades entre 22 e 60 anos (Média= 32,6), sendo dez familiares de crianças com transtornos do espectro do autismo e para compor o grupo controle dez familiares de crianças com transtornos de linguagem. As crianças apresentavam entre três e dez anos de idade (Média= 5,8).

O grupo controle foi selecionado a partir do pareamento de idade, escolaridade e gênero das crianças. Todas as crianças encontravam-se em atendimento fonoaudiológico. Para avaliar a sobrecarga dos cuidadores foi utilizada a Escala Burden Interview e foram coletados dados sociodemográficos dos participantes. A análise estatística dos dados foi realizada a partir do teste de Mann-Whitney e da análise da Correlação Spearman ($p < 0,05$).

Os resultados observados nesta pesquisa possibilitaram analisar aspectos relativos à sobrecarga de familiares de crianças com transtornos do espectro do autismo e de crianças com transtornos de linguagem, que recebiam atendimento fonoaudiológico em uma clínica-escola. Tais dados mostraram como os familiares deste estudo relataram sentir-se quando cuidam da criança com transtornos do espectro do autismo e constituiu importante elemento para o planejamento de intervenções dirigidas a crianças com transtornos do espectro do autismo e seus familiares (Misquiatti, Brito, Schmitt & Junior, 2016).

Os aspectos investigados diziam respeito a implicações para a vida pessoal do familiar, satisfação com as demandas de cuidado e sobrecarga financeira relacionada à criança. A partir destes achados verificou-se que o índice médio de sobrecarga do cuidador, de ambos os grupos foi o mesmo com pontuação 28, portanto estavam moderadamente sobrecarregados. As consequências e limitações na vida pessoal do cuidador corresponderam a um conjunto de situações, as quais provocaram alterações e impacto na vida pessoal, como diminuição de tempo disponível, saúde afetada, e ainda, a necessidade de alterar um conjunto de hábitos para poder dar respostas às necessidades do familiar (Misquiatti, Brito, Schmidt & Junior, 2016).

E por fim o último estudo analisado nessa revisão investigou a eficácia de uma adaptação do Treino de Controle do *Stress* (TCS) de Lipp para mães de crianças com TEA (TCS-MTEA) na redução do *stress* desta população. Para isto comparou-se a presença e níveis de *stress* de vinte participantes, na faixa etária entre 20 e 50 anos, sendo dez submetidas a uma intervenção individual configurando uma amostra experimental (AE) e outras dez que tiveram apenas níveis de *stress* avaliados no mesmo intervalo de tempo, configurando uma amostra controle (AC). As vinte participantes foram avaliadas antes e após o treino com o Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp (Moxotó & Malagris, 2015).

Ao final da intervenção das dez participantes estressadas inicialmente na AE, sete estavam sem *stress* (70%) e as outras três apresentaram redução do nível de *stress* (30%) enquanto as dez da AC (100%) continuavam estressadas. No Brasil, diferentes intervenções com populações diversas de variadas faixas etárias vêm sendo conduzidas por vários autores que obtêm êxito

utilizando o Treino de Controle do *Stress* (TCS) de Lipp (1984; Lipp & Malagris, 2011).

O TCS foi adaptado para pessoas com hipertensão (Lipp & Malagris, 2011), para crianças (Bignotto, 2010) e para relações interpessoais no trabalho (Sadir, 2010), com o objetivo de atender às especificidades características destas populações. O TCS é um tratamento de base cognitivo-comportamental que se propõe a ensinar ao indivíduo maneiras de manejar melhor o *stress*, com o objetivo de impedir que atinja níveis excessivos, provocando efeitos nocivos a qualidade de vida em todas as áreas (Lipp & Malagris, 2001, 2011).

O TCS tem como metas, modificações de hábitos de vida e de padrões comportamentais potencialmente deletérios, em quatro dimensões que se configuram como as bases do TCS: atividade física, nutrição adequada e anti *stress*, treinos de relaxamento tanto físicos quanto mentais, e modificações em padrões cognitivos e comportamentais (Lipp & Malagris, 2001, 2011). O objetivo de adaptar o TCS para mães de crianças com TEA foi o de preservar as bases deste tratamento, complementando-o para atender às necessidades desta população específica.

Diante dos estudos analisados, percebeu-se uma tendência do estresse e sobrecarga dos cuidadores afetar diretamente sua saúde. Tal fator também aponta que o TEA é um transtorno multifatorial que afeta todos os envolvidos na rede de relacionamento do indivíduo diagnosticado.

Considerações finais

A presente revisão teórica apontou que os cuidadores de pessoas diagnosticadas com TEA ainda são a maioria representada pela figura feminina,

principalmente as mães. Logo, estas acabam sendo as mais afetadas com o estresse e a sobrecarga que o transtorno acaba causando e tal saúde influencia em vários campos da sua vida como a área psicológica, social, econômica, relacional e o contexto mais amplo.

Outro dado interessante encontrado na referida revisão, é que ainda tem poucos estudos que investiguem a eficácia dos programas direcionados aos cuidadores de pessoas com TEA. E quando se foca especificamente em programas que possam reduzir o estresse parental, a produção científica é mais frágil ainda.

Diante do exposto, o estudo aqui apresentado tem algumas fragilidades como ter feito uma revisão só com estudos brasileiros e num tempo curto. Entretanto, foi apresentado de forma singular dado atual e interessantes sobre como o estresse de cuidadores de indivíduos com TEA podem afetar sua saúde. Espera-se que os próximos estudos, adicionem a literatura internacional e acrescente outras formas de produção como: dissertações, teses e capítulos de livro.

Referências

Barbosa, M. R. P. (2010). *Suporte social e qualidade de vida em famílias de crianças incluídas no espectro autístico*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paula, SP.

Bowlby, J. (1995). Teoría del apego. *Lebovici, Weil-HalpernF.*

- Bradford, R. (1997). *Children, families and chronic disease: Psychological models and methods of care*. London: Routledge. doi: <http://dx.doi.org/10.4324/9780203287842>
- Bromley, J., Hare, D. J., Davison, K., & Emerson, E. (2004). Mothers supporting children with autistic spectrum disorders Social support, mental health status and satisfaction with services. *Autism*, 8(4), 409-423. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1362361304047224>
- Buscaglia, L. F. (2006). *Os deficientes e seus pais*. 5^o edição. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Costa, A. P., Steffgen, G., & Ferring, D. (2017). Contributors to well-being and stress in parents of children with autism spectrum disorder. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 37, 61-72. doi: 10.1016/j.rasd.2017.01.007
- Cunningham, A. B. (2008). Stereotypy in autism: The importance of function. *Research in autism spectrum disorders*, 2(3), 469-479.
- De Andrés-García, S., Moya-Albiol, L., & González-Bono, E. (2012). Salivary cortisol and immunoglobulin A: responses to stress as predictors of health complaints reported by caregivers of offspring with autistic spectrum disorder. *Hormones and Behavior*, 62(4), 464-474. doi: 10.1016/j.yhbeh.2012.08.003
- Favero-Nunes, M. A., & Santos, M. A. dos (2010). Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico. *Psicologia: Reflexão e Crítica [online]*, 23(2), 208-221. doi: 10.1590/S0102-79722010000200003
- Fávero, M. A., & Santos, M. D. (2005). Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia: reflexão e crítica*, 18(3), 358-369.
- Guedes, N. P. da S., & Tada, I. N. C. (2015). A produção científica brasileira sobre autismo na psicologia e na educação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(3), 303-309. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015032188303309>
- Gomes, P. T., Lima, L. H., Bueno, M. K., Araújo, L. A., & Souza, N. M. (2015). Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. *Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro) [online]*, 91(2), 111-121. doi: 10.1016/j.jped.2014.08.009
- Hamer, B. L., Manente, M. V., & Capellini, V. L. M. F. (2014). Autismo e família: revisão bibliográfica em bases de dados nacionais. *Psicopedagogia*, 169-177.
- Hodge, D., Hoffman, C. D., & Sweeney, D. P. (2011). Increased Psychopathology in Parents of Children with Autism: Genetic Liability or Burden of Caregiving? *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, 23(3), 227-239.

- Hoefman, R., Payakachat, N., Van Exel, J., Kuhlthau, K., Kovacs, E., Pyne, J., & Tilford, J. M. (2014). Caring for a child with autism spectrum disorder and parents' quality of life: application of the CarerQol. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, *44*(8), 1933-1945. doi: 10.1007/s10803-014-2066-1
- Khanna, R., Madhavan, S. S., Smith, M. J., Tworek, C., Patrick, J. H., & Becker-Cottrill, B. (2012) Psychometric Properties of the Caregiver Strain Questionnaire (CGSQ) among caregivers of children with autism. *Autism: The International Journal of Research and Practice*, *16*(2), 179-199. doi: 10.1177/1362361311406143
- Lickenbrock, D. M., Ekas, N. V., & Whitman, T. L. (2011). Feeling good, feeling bad: Influences of maternal perceptions of the child and marital adjustment on well-being in mothers of children with an autism spectrum disorder. *Journal of autism and developmental disorders*, *41*(7), 848-858. doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s10803-010-1105-9>
- Lipp, M. E. N. (2000). *Manual do Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp: ISSL*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ludlow, A., Skelly, C., & Rohleder, P. (2012). Challenges faced by parents of children diagnosed with autism spectrum disorder. *Journal of Health Psychology*, *17*(5), 702-711. doi: 10.1177/1359105311422955
- Masuchi, M. H., & Rocha, E. F. (2012). Cuidar de pessoas com deficiência: um estudo junto a cuidadores assistidos pela estratégia da saúde da família. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, *23*(1), 89-97.
- Meimes, M. A., Saldanha, H. C., & Bosa, C. A. (2015). Adaptação materna ao transtorno do espectro autismo: relações entre crenças, sentimentos e fatores psicossociais. *Psico*, *46*(4), 412-422.
- Misquiatti, A. R. N., Brito, M. C., Ferreira, F. T. S., & Assumpção Jr., F. B. (2015). Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. *Revista CEFAC [online]*, *17*(1), 192-200. doi: 10.1590/1982-0216201520413
- Moxotó, G. D. F. A., & Malagris, L. E. N. (2015). Avaliação de treino de controle do stress para mães de crianças com transtornos do espectro autista. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, *28*(4), 772-780.
- Paulino, C. A., Prezotto, A. O., Frias, A. C., Bataglia, P. R., & Aprile, M. R. (2015). Sintomas de estresse e tontura em estudantes de pós-graduação. *Revista Equilíbrio Corporal e Saúde*, *2*(1).
- Pereira, M. M. B., & Tricoli, V. A. C. (2003). A influência do meio ambiente e de práticas parentais na vulnerabilidade ao stress. *Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: teoria e aplicações clínicas*, 67-70.

- Sadir, M. A., Bignotto, M. M., & Lipp, M. E. N. (2010). Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 20(45), 73-81.
- Schmidt, C., & Bosa, C. (2003). A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. *Interação em Psicologia*, 7(2).
- Schmidt, C. & Bosa, C. (2007). Estresse e autoeficácia em mães de pessoas com autismo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(2), 179-191.
- Segeren, L., & Fernandes, F. D. M. (2016). Correlação entre a oralidade de crianças com distúrbios do espectro do autismo e o nível de estresse de seus pais. *Audiology-Communication Research*.
- Silva, A. L. (2014). *Fatores que interferem na adesão do cuidador ao tratamento fonoaudiológico para pacientes disfágicos dependentes*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Acesso de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5162/tde-24062014-141705/pt-br.php>
- Sousa, A. P. M., & Menezes, A. B. (2016). *Cuidadores primários de crianças com transtorno do espectro autístico: uma revisão sistemática*. Comunicação oral apresentada no XXV Encontro Brasileiro de Psicologia e Medicina Comportamental, Foz de Iguaçu, PR, Brasil.
- Sprovieri, M. H. S., & Assumpção Jr, F. B. (2001). Dinâmica familiar de crianças autistas. *Arq Neuropsiquiatr*, 59(2-A), 230-237.
- Suresh, A. P. C., Benjamin, T. E., Crasta, J. E., Alwinesh, M. T. J., Kanniappan, G., Padankatti, S. M., Nair, M. K. C., & Russell, P. S. S. (2014). Comparison of burden among primary caregivers of children with autism and intellectual disability against children with intellectual disability only in a hospital population in India. *Indian Journal of Pediatrics*, 81(2), S179–S182. doi: 10.1007/s12098-014-1626-x
- Tabaquim, M. D. L. M., Vieira, R. G. D. S., Razera, A. P. R., & Ciasca, S. M. (2015). Autoeficácia de cuidadores de crianças com o transtorno do espectro autista. *Revista Psicopedagogia*, 32(99), 285-292.
- Wang, H.Y., & Jong, Y.J. (2004). Parental stress and related factors in parents of children with cerebral palsy. *Kaohsiung Journal Medicine Science*, 20, 334-340. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S1607-551X\(09\)70167-6](http://dx.doi.org/10.1016/S1607-551X(09)70167-6)
- Vogan, V., Lake, J. K., Weiss, J. A., Robinson, S., Tint, A., & Lunsy, Y. (2014). Factors associated with caregiver burden among parents of individuals with asd: differences across intellectual functioning. *Family Relations*, 63(4), 554-567. doi: 10.1111/fare.12081